O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis— Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 133 | **SEXTA-FEIRA 10 DE OUTUBRO DE 1862** | **SEGUNDO ANNO**

LISBOA 8 DE OUTUBRO
(Do nosso correspondente.)

Lisboa está em plena festa. As alegrias do povo são verdadeiras, porque são inspiradas por uma nova aurora de felicidades para este paiz. Todos saudam a filha de Victor Manuel, todos procuram vêl-a, todos se alegram com os seus sorrisos, e com a bondosa expressão da sua phisionomia, que são como os primeiros raios de sol que hade brilhar explendido do alto do throno portuguez, já rico de tradições gloriosas, e de exemplos da mais candida virtude.

As festas destes tres ultimos dias excédem em magnificencia tudo quanto se tem visto em Lisboa. Os estrangeiros que se acham agora aqui, declaram que não viram em parte alguma, nem mesmo em Paris mais brilhantes illuminações.

O movimento, a grande agitação, o alvoroço desta cidade, começou no domingo pela manhã quando a náo *Vasco da Gama* annunciou com dois tiros de peça, que as divisões navaes portugueza e italiana estavam á vista.

Como disse na minha ultima correspondencia, e communiquei no meu telegramma de domingo, partiram logo com direcção á barra os vapores da companhia «União Mercantil», «Torre de Belem», «D. Antonia», «Açoriano» e «D. Luiz», cheios por milhares de pessoas, entre as quaes se notavam funccionarios publicos, alguns titulares, e todos os representantes da imprensa de Lisboa e das provincias.

No vapor «Lynce» que partio ás 9 horas e meia, ia o sr. Infante D. Augusto. Este vapor quando avistou na restinga da arêa da Trafaria a esquadra portugueza, navegou com toda a força, e fazendo uma rapida evolução pela pôpa da fragata italiana «Maria Adelaide», aproximou-se da corveta «Bartholomeu Dias» fazendo a continencia a S. M. Todos quantos se achavam a bordo do «Lynce» romperam n'um enthusiastico *viva* á rainha de Portugal.

Seriam 11 horas e meia quando fóra da barra se achavam reunidos e vistosamente empavezados, as esquadrilhas que acabavam de chegar, e os navios que tinham ido saudar a sympathica filha do rei d'Italia. Era um espectaculo magnifico: as tripulações nas vergas davam vivas, respondendo aos de milhares de pessoas que se apinhavam nas toldas, gritando enthusiasticamente, e acenando com milhares de lenços brancos.

Achavam-se pois reunidos os seguintes navios: corveta real «Bartholomeu Dias», tendo a seu bordo a nova rainha de Portugal; a corveta «Estephania», conduzindo os srs. visconde de Paiva, nosso ministro em França; conde de Thomar (filho), secretario da legação portugueza na Belgica; Alvaro Frederico Martins, secretario do sr. marquez de Loulé, ministro dos negocios estrangeiros; Fausto de Queiroz Guedes, addido á legação portugueza em Turim; Antonio Xavier Teixeira de Brederode, addido á mesma legação; D. José Benso, consul de Portugal em Gibraltar; —a corveta «Sagres; as fragatas italianas, «Maria Adelaide» conduzindo o principe real da Italia e a sua comitiva, — «Duca di Genova, e Garibaldi»; o vapor de guerra italiano «Antion», e os vapores portuguezes «Lynce, Argos, Torre de Belem, D. Antonia, Açoriano e D. Luiz».

A rainha portugueza entrava a barra ao meio dia. Este acontecimento foi annunciado por uma salva geral das duas torres de S. Julião e Bugio, Torre de Belem, Castello de S. Jorge, forte d'Almada, e de todas as embarcações de guerra surtas no Tejo, tanto nacionaes com estrangeiras.

A' meia hora depois do meio dia, o sr. Infante D. Augusto, acompanhado do sr. ministro da marinha, foram a bordo do «Bartholomeu Dias» cumprimentar a rainha.

Seria uma hora da tarde quando todos os navios fundearam em frente da praça de D. Fernando em Belém. A's 3 horas da tarde embarcaram no caes daquella praça e foram a bordo da corveta real, SS. MM. El-Rei o sr. D. Luiz, e El-Rei o sr. D. Fernando, e S. A. a sr.ª infanta D. Izabel Maria. A essa hora o Tejo estava coalhado de botes, faluas, catraias, cheios de povo que saudava a familia real portugueza e italiana. As fortalezas e embarcações de guerra salvaram novamente. Era quasi solposto quando SS. MM. e AA. voltaram para terra despedindo-se da joven Rainha.

O aspecto que apresentava a praça de D. Fernando era magnifico. Pela estrada de Belém tinham corrido incessantemente centenares de carroagens, e omnibus com pessoas que iam ver a esquadrilha. A praça estava completamente cheia, tocavam ali tres musicas, a noite estava serena, no ceu limpido brilhava a lua com toda a sua pureza, e no Tejo estava illuminada a corveta real com fogos de Bengala.

Nessa noite illuminou-se toda a cidade, as luminarias dos particulares completavam a illuminação feita pela camara municipal, repicavam os sinos, estalavam nos ares as girandolas de foguetes, varias musicas percorriam as ruas enthoando os hymnos do sr. D. Luiz e de Victor Manoel, e o povo em ondas compactas enchia as praças, o passeio publico, e as ruas principaes da cidade baixa.

Estava annunciado no programma que a esquadrilha portugueza viria na segunda feira fundear em frente do caes das columnas, porém a maré não o permittiu. A corveta «Bartholomeu Dias fundeou em frente da ponte de Alcantara, e todos os navios de guerra tanto portuguezes como estrangeiros collocaram-se em linha de batalha desde aquelle ponto até defronte da alfandega.

A's 10 horas da manhã El-Rei o sr. D. Luiz, e El-Rei o sr. D. Fernando acompanhados de seu sequito, sahiram do palacio de Ajuda e dirigiram-se ao Terreiro do Paço. Já a essa hora se achava a praça apinhada de povo, assim como as ruas do transito do cortejo nupcial até o largo de S. Domingos, e esplendidamente adornadas de senhoras todas as janellas das praças e ruas, bem como os palanques lateraes do pavilhão real. A tropa já se achava tambem postada em alas dobradas desde o pavilhão até ao templo de S. Domingos.

Ao meio dia apearam-se as pessoas reaes no pavilhão, onde foram recebidas pela camara municipal de Lisboa, de baixo do palio, e seguiram até ao caes das Columnas, por entre alas brilhantes da côrte, e da guarda real dos archeiros. Os augustos personagens com a sua côrte embarcaram na galeota real e seguiram para a «Bartholomeu Dias». Ia linda a galeota com mais de cem remadores todos com suas *blouses* vermelhas agaloadas de prata, e suas chapas do mesmo metal nos chapeus. Centenares de barcos formavam alas desde o caes das columnas até Alcantara.

Desde que a Rainha sahiu de bordo do «Bartholomeu Dias» até que chegou ao Terreiro do Paço, subiram constantemente ao ar, na praia de Santos, girandolas de foguetes, de modo que o estallar do fogo durou mais de um quarto de hora sem um minuto de interrupção.

A' uma hora da tarde uma nova salva geral de todas as fortalezas e navios de guerra annunciou que a virtuosa esposa do senhor D. Luiz punha pela primeira vez o pé em terra portugueza.

A multidão que se achava no Terreiro do Paço rompeu em *vivas* calorosos e freneticos.

As pessoas reaes tomaram assento no throno que se achava na rotunda do pavilhão, ficando de pé aos lados as pessoas da côrte.

O presidente da camara municipal apresentando a El-Rei as chaves da cidade em uma salva de prata dourada disse :

«Senhor — A camara municipal de Lisboa saúda com verdadeira satisfação a entrada de S. M. a Rainha nestes reinos, como aurora esperançosa de inefaveis felicidades para V. M. e para esta nação.

Portuguezes, que temos como nossas as felicidades do nosso Rei, não podemos deixar de celebrar com o maior jubilo este dia solemne.

Apraz-nos deveras ser interprete fiel destes sentimentos do povo, que representamos, offerecendo a VV. MM. as chaves da muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa como penhor da sua hereditaria fidelidade.

Graças infinitas ao Deus todo Poderoso! Estão cumpridos os nossos mais ardentes votos — mais um ornamento de virtude no solio portuguez; mais um penhor de amisade para dois povos tão ricos de tradições gloriosas!»

—El-Rei dignou-se de responder o seguinte:

«São para mim de subido apreço as expressões de jubilo e de verdadeira satisfação que me dirige a camara municipal de Lisboa neste acto solemne.

As manifestações espontaneas do amôr e de respeitosa sympathia com que esta capital acolhe a Rainha, minha muito amada esposa, ao entrar no paiz que ella elegeu, virão sem duvida a estreitar ainda mais os laços que ha muito ligam Portugal á briosa nação italiana.

Agradeço-vos cordealmente em meu nome e no da Rainha as palavras que me dirigis; e podeis assegurar ao povo que representaes, que, se tem como suas as felicidades do seu Rei, o seu Rei tem como proprias as venturas de todo o seu povo.

Restituo á camara municipal de Lisboa as chaves da cidade que me offereceu, e que ella sempre soube guardar com tanta lealdade.»

A sociedade dos Artistas Lisbonenses tinha pedido licença ao governo para offerecer á Rainha em lindo ramo de flores artificiaes feito pelo rei dos floristas o grande *Constantino*. A direcção desta sociedade tinha-o encommendado para o pagar, Constantino, porém, mandou-o declarando que nada receberia por elle, e que muita pena tinha de não poder tomar parte na commissão dos artistas.

Este ramo é branco formado de camelias, cravos, jasmins e flores de larangeira.

O ramo foi apresentado á Rainha por uma menina de 9 annos. O presidente da assemblêa geral d'aquella sociedade disse: Senhores —A commissão nomeada pela sociedade dos Artistas Lisbonenses vem aos pés de Vossas Magestades tributar, em nome da assossiação que representa, as suas homenagens de consideração e profundo respeito e offerece a Vossas Magestades esse ramo de flores como demonstração dos sentimentos que animam os artistas portuguezes por tão auspicioso consorcio.

Neste dia sobremaneira jubiloso seja-nos tambem permittido, a nós operarios, a manifestação dos sentimentos que existem no coração de um povo inteiro; e a commissão admittida em tão solemne momento, á augusta prezença de Vossas Magestades folga de ser interprete dos votos dos artistas portuguezes nesse contentamento e alegria que por toda a parte se observa.

Que Vossas Magestades sejam os protectores da nossa industria, e o paiz alcançará a prosperidade e o engrandecimento que todos desejam.

Sua Magestade El-Rei respondeu: — Fazei presente á sociedade dos artistas lisbonenses, que representaes, as demonstrações do nosso agradecimento pela offerta que em seu nome vindes fazer á Rainha minha adorada esposa, e pelas expressões de jubiloso affecto de que sois tão fieis interpretes.

Dizei á sociedade dos artistas lisbonenses que para a industria portugueza ter jus á protecção, que desejaes, bastarão os esforços empregados por tão patriotica corporação no proposito de desenvolver importantes ramos da riqueza publica. O trabalho, gloria e força das nações, tem em si mesmo a sua honra, e por si se recommenda á mais alta sollicitude.

Depois o cortejo nupcial seguio para o templo de S. Domingos. Precediam o prestito real, centenares de carruagens de titulares, tribunaes, corporações diversas, moços fidalgos, funccionarios publicos, etc. Entre essas carroagens notavam-se pela sua elegancia e riqueza as dos srs. marquez de Vallada e conde de Carvalhal. Abriam o prestito real os porteiros, arautos, reis d'armas, e passavantes todos a cavallo, precedidos de um esquadrão de lanceiros. Seguiam-se oito coches da casa real, conduzindo officiaes da mesma casa. O nono coche com as damas da rainha, o decimo com o sr. duque de Saldanha, estribeiro mór, marquez de Loulé, mordomo mór, e a sr.ª duqueza da Terceira, camareira mór: o decimo primeiro de respeito; a carroagem com a sr.ª infanta D. Izabel Maria; o duodecimo coche com S. M. El-Rei o sr. D. Fernando, e S. A. real o sr. infante D. Augusto. O decimo terceiro coche, sumptuoso, todo de velludo verde e oiro, levando em cima a corôa real de grandes dimensões, conduzia S. S. M. M. El-Rei o sr. D. Luiz, sua joven esposa Maria de Saboya, e o principe real Humberto, filho de Victor Manoel. Fechava o prestito toda a força de cavallaria existente em Lisboa, composta de Lanceiros n.º 1 e 2, e regimentos n.os 4, 5 e 8, debaixo do commando do sr. Cesar de Vasconcellos.

A phisionomia da joven rainha é graciosa e meiga; a sua figura é elegantissima. E' uma creança delicada e tentadora. Cingia-lhe a fronte o magnifico deadema real, e cahia-lhe nas espaduas um rico véo nupcial, seguro nos seus cabellos loiros pela corôa de flores de laranjeira. O vestido de rica seda branca da Hungria com delicados lavores, tinha até meia saia outro vestido de custosas rendas de Florença com quatro ou cinco *apanhados* em roda da saia feitos com laços azues e brancos seguros com flores de brilhantes. Levava no peito um riquissimo ramo de pedras preciosas, e na mão o ramo de flores artificiaes offerecido pela «sociedade dos Artistas Lisbonenses. No seu lindo cólo resplandecia um colar de saphiras e diamantes.

Depois das ceremonias religiosas em S. Domingos, uma grande orchestra tocou um *Té Deum* expressamente composto pelo musico da real camara o sr. Manoel Innocencio dos Santos.

O prestito tomou pela rua Augusta com direção ao pavilhão real. Apearam-se S. S. M. M. e A. A. e a côrte. A rainha sentou-se no throno e El-Rei o sr. D. Luiz e seu augusto pai ficaram de pé no primeiro degráo do pavilhão, para receberem a continencia militar.

Reuniram-se todas as musicas em frente do pavilhão ao pé da estatua equestre, e em quanto desfilaram as tropas, entoaram a marcha triumphal.

Primeiro passou o marchal Saldanha á frente de todo o estado maior, fez a continencia a SS. MM. e foi-se collocar em trente das musicas. Depois marchou a artilheria por baterias, e logo toda a cavallaria, em linhas de meios esquadrões, commandada pelo sr. Cezar de Vasconcellos. Seguiu-se a primeira brigada, commandada pelo general Taborda, e composta dos batalhões de caçadores 2, 4, 5; a segunda brigada commandada pelo sr. brigadeiro José Horta, e formada dos regimentos de infanteria n.º 1, 2 e 11; a terceira commandada pelo sr. brigadeiro Horta, e formada dos regimentos de infanteria 16 e guarda municipal.

Era quasi noite quando o prestito sahiu do Terreiro do Paço com direcção ao palacio d'Ajuda.

Durante o transito o povo deu enthusiasticos vivas á Rainha e ao Rei.

A' noite a illuminação das praças do Commercio e Rocio era deslumbrante. A grande illuminação do pavilhão real por entre as suas quarenta columnas, e os seus cortinados de seda azul e branca produziam um effeito admiravel; dir-se-hia um palacio de fadas descripto nas «Mil e uma Noites. O povo em ondas enchia todas as ruas e as duas praças.

Hontem foi a Rainha ao theatro normal. O povo ás sete horas e meia já fazia alas pelo Chiado e Rocio para ver passar os augustos noivos. Eram 10 horas quando SS. MM. se apeavam no theatro, tendo sido victoriados no Rocio com muitos *vivas*.

Suas MM. apresentaram-se na tribuna real acompanhados de El-Rei o sr. D. Fernando, do sr. infante D. Augusto, e do principe Humberto e foram recebidos com vivas ao sr. D. Luiz, á Rainha Maria de Saboya, a Victor Manoel, a Portugal, e á Italia.

A orchestra tocou o hymno italiano.

A sala estava brilhantissima. As senhoras com fatos vaporosos em pé nos camarotes; e além do lustre os lumes das placas de bronze doiradas em todas as columnas dos camarotes davam á sala o maior esplendor. Ostentava-se ali o corpo diplomatico, muitas pessoas da côrte, altos dignatarios, a camara municipal de Lisboa.

No fim do primeiro acto do drama do sr. Mendes Leal, «Egas Moniz, foram novamente victoriados os augustos noivos.

Este drama foi premiado com o primeiro premio no concurso dramatico de 1861.

A' hora em que concluo esta correspondencia estão SS. MM. no paço d'Ajuda recebendo os cumprimentos e as felicitações da côrte, e de varias corporações, entre as quaes figura uma commissão dos estudantes da universidade de Coimbra.

—El Rei determinou que o dia 16 de outubro fique sendo de grande galla por motivo do anniversario natalicio de S. M. a Rainha Maria de Saboya.

—Tambem deliberou El-Rei que a suspensão do luto da côrte continue até ao dia 16 do corrente.

—O asylo da mendicidade deu antes de hontem um farto jantar a 600 mendigos. O jantar foi dado á custa do seu provedor o sr. José Isidoro Guedes.

—Acaba de entrar a barra uma esquadra ingleza, na qual vem o «Narrior» e o «Black Prince». Sei que são as quatro melhores fragatas couraçadas que tem a Inglaterra. A bordo de um d'esses navios veiu o ministro inglez nesta côrte.

A esquadra vem representar a Inglaterra nos festejos do regio consorcio.

—Deve chegar hoje ou ámanhã a esquadra franceza que vem para o mesmo fim.

—Hontem de noite dormiram debaixo das arcadas do Terreiro do Paço perto de mil provincianos e saloios, que não acharam logar em estalagens.

Com a devida venia copiamos do nosso collega, o *Jornal do Commercio* de Lisboa, o seguinte :

BANQUETE OFFERECIDO A VICTOR HUGO

«Esplendida foi essa grande festa entrenacional, a que concorreram as grandes intelligencias do mundo litterario: mais de setenta pessoas conhecidas na republica das lettras, assistiram ao banquete dado pelos srs. Lacroix e Vestoekhoven ao grande poeta, pensador e philosopho, ao grande regenerador da litteratura, Victor Hugo.

De Londres accudiram a Bruxellas a fim de prestarem um tributo de homenagem ao author dos *Miseraveis* os srs. Nefftzer, Texier, Pelletan e Luiz Blanc. Figuraram tambem entre os convidados os srs. Ernest Dermarets, do fôro de Paris; os srs. Theodoro de Banville, Champfleury, Hector Malot, redactores da «Opinião Nacional»; Mathias e Habeneck, da «Presse»; Legault do «Temps»; Morel, da «Revista da Instrucção Publica»; Henry Rochefort, do «Charivari»; Mario Proth, do «Courriére du Dimanche»; Chassan, do «Progresso de Lião»; Lamy, da «Revista da Normandia»; Gery-Legrand e Mazure, do «Lila»; Poyé, da «Publicidade» de Marselha; Certbeer, do «Theatro». A imprensa italiana estava representada pelo sr. Ferrari. A de Inglaterra representavam n'a os srs. Pigott e Lowe. D. Nemesio Fernandez Costa representava a imprensa hespanhola. As letras belgas estavam representadas nos srs. Berardi, Considérant, Couvreur, Frederick e Bereu, redactores da «Independencia Belga», Madoux, da «Estrella»; Eugenio Landoy eVoituron, do «Journal de Sand»; Dumoulin, do «Percursor» de Antuerpia; Primez, do «Journal de Charleroy»; Gérimont, da «Tribuna»; Boon, do «Stad Gent»; e Victor Flenaux, Laveleye, Julio, Guillaume, Van-Bemmel, da «Revista Trimestral».

Estavam mais os srs. Lorboe, Ferrier, Caept, Nadar, Noel, Parfait, Pugnerre, Cleye, o doutor Laussedat, Labrousse, e Brerés, antigos deputados da França; o presidente da camara electiva da Belgica, e o burgomestre de Bruxellas, Fontainas.

Presidiu ao banquete o sr. Lacroix, o qual inaugurou os brindes, fazendo, em caloroso e eloquente discurso, o elogio do grande poeta a quem se festejava. Foi secundado pelo sr. Fontainas, que pronunciou um magnifico improviso. Seguiram-se depois entre outros os brindes dos srs. Luiz Blanc, Pelletan, Ferrari, Pigot e Lowe os quaes todos fizeram o elogio do homem e dos escriptos do author dos *Miseraveis*.

O grande poeta respondeu-lhe com o seguinte discurso.

«Senhores! — A minha commoção não se descreve; se me faltarem palavras, a vossa indulgencia não me faltará por certo.

Se só tivesse que responder ao digno burgomestre de Bruxellas, facil me seria a tarefa. Para glorificar o magistrado tão justamente popular, e a cidade tão nobremente hospitaleira, bastar-me-hia repetir o que está em todos os labios, bastaria ser um ecco; porém como agradecer ás demais vozes cordeaes e eloquentes que me fallaram? Ao lado destes editores notaveis, aos quaes se deve a fecunda idêa d'uma livraria internacional, especie de laço preparatorio entre todos os povos, vejo eu reunidos aqui publicistas, philosophos, escriptores eminentes, honra das lettras, honra do continente civilisado. Perturba-me e confunde-me ser o centro desta grande festa de intelligencias, e ver que tão alta honra me é concedida, a mim que só sou uma consciencia que acceita o seu dever, e um coração que se resigna ao sacrificio.

Como mostrar-me agradecido a todos? Como apertar d'uma vez todas as mãos? De uma maneira e bem simples. Todos que aqui estão, escriptores, jornalistas, edictores, impressores, publicistas, pensadores, que representam? Todas as energias da intelligencia, todas as formas da publicidade: sois o espirito-legião, sois o orgão novo da sociedade nova, sois a imprensa. Brindo pela imprensa!

Pela imprensa de todos os povos, pela imprensa livre, pela imprensa poderosa, gloriosa e fecunda!

Senhores, a imprensa é a luz do mundo social, e onde quer que haja luz, alguma coisa ha da Providencia.

O pensamento é mais que um direito; é o proprio espirito do homem. O que puzer obstaculos aos pensamentos, attenta contra o homem mesmo. Fallar, escrever, imprimir, publicar, são desde o ponto de vista do direito, coisas identicas; são os circulos, que sem cessar se vão alargando, da intelligencia em acção; são as ondas sonoras do pensamento.

De todos estes circulos, de todas estas irradiações do espirito humano, o maior é a imprensa. O diametro da imprensa é o diametro da civilisação.

A cada diminuição da liberdade de imprensa corresponde outra na civilisação: onde a imprensa livre está interceptada, póde-se dizer que a nutrição do genero humano está interrompida.

Senhores, a missão do nosso tempo é mudar os velhos fundamentos da sociedade, crear a ordem verdadeira, e substituir em tudo ás ficções as realidades. Nesta mudança de cimen o das bases sociaes, que é o trabalho collossal do nosso seculo, nada resiste á imprensa quando esta applica a força de atração ao catholicismo, militarismo, absolutismo e ás correntes de factos ou idêa as mais refractarias.

A imprensa é a força. E porque? Porque é a intelligencia.

E' a trombeta viva, toca a alvorada dos povos, annuncia o alvorecer do direito, não conta com a noite senão para sondar a aurora, advinha o dia, adverte o mundo. Algumas vezes comtudo, coisa estranha, é ella quem recebe advertencias, o que é o mesmo que querer reprimir o canto do gallo.

Se em certos paizes a imprensa está opprimida, é escrava? Não. Imprensa escrava! E' uma reunião impossivel de palavras.

E demais ha dois grandes modos de ser escravo: o de Spartaco e o de Epicteto. Um quebra as suas cadeias, o outro prova a sua alma. Quando o escriptor encadeado não pode recorrer ao primeiro, appella para o segundo.

Não; façam os despotas o que quizerem, sejam testemunhas todos os homens livres que me escutam, e isto o sr. Pelletan ha bem pouco tempo o disse em termos admiraveis, e vós todos o tendes provado com generoso exemplo: o espirito não se rende á escravidão!

«Senhores! — No seculo em que vivemos não ha salvação possivel sem liberdade de imprensa: não ha senão caminhos extraviados, naufragios e desastres por todos os lados.

Ha plantados hoje certos problemas que são os problemas do seculo, e que se nos antolham inevitavelmente. E não ha meio: ou romper com elles, ou refugiar-se no seu seio. A sociedade navega com rumo irresistivel nessa direcção.

Esses problemas são o assumpto do doloroso livro de que aqui se fallou tão eloquentemente. Pauperismo, parasitismo, producção e repartição da riqueza, moeda, credito, trabalho, salario, extincção do proletario, diminuição progressiva da penalidade, miseria, prostituição, direito da mulher que faça sair da tutela a metade da especie humana, direito da creança que exige (que exige digo) o ensino gratuito e obrigatorio, direito da alma que implica a liberdade religiosa: taes são os problemas.

Com a imprensa livre recebem luz do alto, são praticaveis, vêem-se seus escolhos e suas entradas, póde-se chegar a elles, e nellas penetrar sossobrar. Chegar a penetrar e resolver os problemas, é salvar o mundo. Sem imprensa livre.... noite profunda, probemas formidaveis, tremendos; não se vé senão escarpadas rocas; não é facil tocal-os, e póde muito bem levar a sociedade a um abismo. Apagae o pharol, e o proprio porto se converterá em escolhos.

«Senhores, com a imprensa livre é impossivel o erro, a vacilação na marcha dos acontecimentos humanos. Em meio dos problemas sociaes, que posso chamar encruzilhadas desconhecidas, a incerteza.

Caminhae, diz-nos, até ao ideal, para a justiça, para a verdade. Porque não basta só caminhar, é preciso avançar muito. Em que sentido caminharemos? — Essa é a questão.

Aparentar o movimento não é realisar o projecto; marcar passo sem avançar, Isso é bom para a obediencia passiva; acompanhar indefinidamente os costumes inveterados é um movimento machinal, indigno do genero humano.

Proponhamo-nos um fim, saibamos para onde vamos, proporcionemos o esforço ao resultado, e que em cada um dos passos que dermos haja uma idea, que um passo se encadeie logicamente com o outro, e que depois da idea venha a solução; em seguida do direito venha a victoria.

Não retrogrademos nunca. A indecisão do movimento descobre o vacuo do cerebro. Querer e não querer, ha coisa mais indigna? O que duvida retrocede e passa tempo; não pensa. Quanto a mim, não comprehendo a politica sem cabeça, assim como não comprehendo a Italia sem Roma.

E já que pronunciei esta palavra, Roma, permitti que me interrompa, e que meu pensamento, desviado por um istante, se dirija para esse valente que lá longe de nós geme no leito de dôr. Verdade é que tem motivo pora sorrir. A gloria e o direito estão com elle. O que confunde, o que contrista, é que se haja encontrado, que se podesse encoutrar na Italia, nessa nobre e illustrada Italia, homens capazes de levantar a espada contra essa virtude. Esses italianos não reconheceram um romano?

Esses homens intitulam-se grandes homens da Italia; aclamam a sua patria vencedora, e não veem que está decapitada! Ah! Essa é uma lugubre aventura; a historia recuará indignada ante repugnante victoria, que consiste em matar Garibaldi, a fim de que Roma não seja da Italia!

Quem é, senhores, o auxiliar do patriota? A imprensa. Quem é o espanto do cobarde e do traidor? A imprensa.

Sei que ha quem aborrece a imprensa, e esta é a grande rasão para amal-a.

Todas as iniquidades, todas as perseguições, todos os fanatismos, a denunciam, a insultam, e a injuriam quanto podem. Recordo uma encyclica celebre, de que sempre conservei phrases notaveis na memoria. Nessa encyclica, um papa contemporaneo, Gregorio XVI, inimigo do seu seculo, desgraça que só acontece aos papas, tendo sempre presente a antiga besta do Apocalipse, qualificava do seguinte modo a imprensa, com o seu latim de monge benedito: — «Gula ignea, caligo impetus immanis cum strepitu horrendo.»—Nada d'isto duvido; o retrato parece-se: bocca de fogo, fumo formidavel. Realmente: é a locomotiva que passa!

E' a imprensa, a immensa e santa locomotiva do progresso!

Para onde vae? Para onde arrebata a civilisação? Para onde leva aos povos esse removedor patente? Largo é o tunel, escuro e terrivel! Porque póde dizer-se que a humanidade está debaixo da terra tanto a cobre e oprime a materia; espeça é abobada de preoccupações e tyrannias que tem em cima; tantos tratos escurecem o seu orisonte! Ai! Desde que o homem existe, toda a historia é subterranea: em parte alguma se vislumbra um raio do divino!

Porem no seculo XIX, depois da revolução franceza, temos esperança, temos certeza. Lá longe, diante de nós, apparece um ponto luminoso.

A cada momento se torna mais visivel; é o futuro, e a realisação, é o termo das miserias; é a aurora das alegrias, é Canaan, a terra promettida, onde o homem não terá senão irmãos em roda de si, e sobre a fronte o céo. Impulso pois a sagrada locomotiva; brio ao pensamento, e á philosophia, e á imprensa, e a todas as mentes. Aproxima-se a hora em que a humanidade, livre emfim, e fóra desse tunel de seis mil annos, deslumbradora e cara a cara de repente como o sol do ideal, faça a sua sublime opposição em meio de vibrantes raios!

Uma palavra mais, senhores, e na vossa profunda indulgencia, permitti que esta palavra se refira a mim.

Estar entre vós é dita: a Deus dou graças, porque na minha triste vida me concedeu esta hora cheia de encantos. A'manhã voltarei a sumir-me no meu retiro; porem hei-vos vistos, fallado, ouvido e apertado a mão, e levarei essa consolação para a minha soledade.

A vós, meus amigos da França, e a todos os demais que aqui estão, parecer-vos-ha muito natural que vos dirija as ultimas palavras. Ha onze annos viram-me sair quasi um rapaz, e hoje encontram um velho. O cabello mudou, encaneceu... o coração é o mesmo.

Agradeço o haverem-se lembrado de um ausente; agradeço a vossa vinda; recebei, ainda os mais moços, cujos nomes que me eram charos lá de longe, e a quem vejo pela primeira vez, recebei a expressão do meu profundo agradecimento. Ao ver me entre vós, afigura-se-me que respiro o ar natal; afigura-se-me que cada um de vós leva como eu o que quer que seja da França; imagino que vejo sahir de todas as vossas almas agrupadas em torno de mim alguma coisa encantadora e augusta, similhante á luz, e que é o sorriso da patria.

Brindo pela imprensa, pelo seu poder, pela sua gloria, pela sua eficacia, pela sua liberdade na Belgica, na Allemanha, na Suissa, na Italia, em Hespanha, na Inglaterra, na America; pela sua emancipação em toda a parte.»

Do nosso collega o *Nacional* copiamos o seguinte:

Chaves 2 de Outubro

«Hontem ás 4 horas e meia da tarde, no largo Principal desta villa, em frente do quartel da infanteria n.º 13, estando formado todo o regimento sem faltar ninguem, com a maior solemnidade e publicidade possivel teve logar um facto que transmittimos á imprensa possuidos de uma satisfação inexplicavel. Dezejariamos que o clarim da fama fizesse saber a todas as nações do mundo que na epoca da geral desmoralisação, quando o dinheiro e as ambições são o idolo do dia mostra e prova Portugal por um dos seus filhos a sua honra, o seu timbre e o seu primeiro logar e orgulho entre as nações! E' que temos algumas auctoridades que avaliam dignamente a honra, o valor, e o merito.

Para não roubarmos o espaço necessario a tantas coisas do que se occupa um jornal, seremos conciso, mas contaremos o que é bastante para se conhecer o interesse com que a provincia de Traz os Montes passará aos seus vindouros uma acção tão nobre e tão digna da historia, e que o regimento de infanteria n.º 13 registará com enthusiasmo, e com assaz cobiçado louvor.

Um anspeçada deste digno regimento, Francisco Correia da Cunha, achando-se destacado em Villa Real, foi em diligencia a Celleiroz, para capturar o criminoso Luiz Antonio Teixeira Marques, e não só desempenhou este serviço com zelo e cuidado, mas até resistiu á dadiva que o preso lhe fazia de 10 libras e mais, para o deixar fugir; tendo tambem offerecido anteriormente 4 libras aos soldados do mesmo regimento da 3.ª companhia, n.º 124 Joaquim da Silva; da 5.ª n.º 208 José da Costa; da 6.ª n.º 175 Antonio Gonçalves; da 7.ª n.º 209 José Antonio para o mesmo fim.

Isto foi immediatamente avaluado e apreciado pelo respeitavel e digno capitão do mesmo regimento, commandante do destacamento em Villa Real, Domingos José Gomes, que logo o levou ao conhecimento de s. ex.ª o general conde de Vinhaes em officio de 7 de julho do corrente anno.

Seguiu-se a esta participação elogio que merece tão dignissimo e virtuoso general propondo sem perda de tempo o premio para esta escolta: e logo em 23 de julho a resposta do ministerio da guerra, conformando-se inteiramente com a opinião do general e concedendo ao anspeçada o habito da ordem de Christo (a ordem mais nobre de Portugal) e que fosse feito cabo; e que os soldados gozassem um mez de licença com todos os seus vencimentos; publicando-se todo o occorrido em ordem regimental, para que podesse servir de estimulo presente e futuro.

Em o «Diario do Governo» n.º 218 de 26 do mez proximo passado, onde se acha publicada uma relação dos agraciados por S. M. El-Rei com mercês honorificas, está incluido este digno cabo n.º 177 da 4.ª companhia que por diploma de 20 d'agosto ultimo foi nomeado cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.

Determinou pois s. ex.ª o general, cheio do maior jubilo em que transborda sempre quando vê que tem a louvar e premiar, que o regimento formasse no logar mais publico que fosse chamado á frente d'elle o mencionado cabo d'esquadra e que ahi lhe fosse posta no peito pelo immediato no commando do regimento a respectiva condecoração, fazendo-se vêr a todo o regimento a razão porque este individuo mereceu tão distincta honra.

Escusado é, e impossivel, descrever a satisfação com que o ex.mo coronel do regimento cumpriu esta ordem, recommendação: a alegria em que exultava; o orgulho nobre que obdistinguia, e a honra com que se julga de governar um corpo tão digno pela sua subordinação.—Todos os documentos foram lidos com uma voz bella e muito intelligivel na frente do regimento pelo tenente ajudante do mesmo Antonio Maria da Purificação.

Honra ao governo! honra ao digno commandante do destacamento de infanteria 13 o capitão Domingos José Gomes! honra a s. ex.ª o general conde de Vinhaes, tão digno por todos os titulos! honra ao benemerito coronel José Joaquim Soares! e honra ao exercito portuguez!

E sirva este nobre exemplo de honroso estimulo para ser imitado tanto no civil como no militar; sejam estes os brios de todo o exercito: ninguem venda por dinheiro, ou por falsas promessas ou verdadeiras a honra, a fidelidade e a obediencia.—Ó immortal provincia transmontana, quantos factos, e acções brilhantes e heroicas abundam na tua historia! quanto o sangue dos teus maiores o exemplo é enobrecido pelos teus filhos! Mais um brazão attestará á posteridade a tua acrisolada honra!»

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Paiva 6 de outubro de 1862.

Sem o poderoso auxilio do seu acreditado jornal não poderá este concelho de Paiva ser governado segundo a lei; e pondo silencio por um pouco aos acontecimentos, que se tem dado com relação ao roubo dos autos de Manuel José, e á perseguição que se faz a seu procurador, no que se tem dado os mais bellos episodios que desacreditam inteiramente as auctoridades judiciaes, e administrativas, se tanto é preciso; auctoridades que estão reduzidas ao completo despreso, e descredito; passarei a noticiar-lhe o estado da segurança publica neste concelho, e o proceder dos homens que aqui, mau grado nosso, nos governam.

Em 6 de agosto proximo findo foi roubado, e espancado em Oliveira Regnenga, freguezia de Sardoura, um vendilhão de papel, de Paços de Brandão, concelho da Feira; o infeliz assim roubado e espancado, é conduzido preso a esta villa, e a instancias dos povos, que em volta do ensanguentado se reuniram, o mandou para o concelho da Feira, passando-lhe uma guia, retirando-o de que se lhe tomasse corpo de delicto, dizendo publicamente, que não sabia quem era o juiz eleito, ignorando, que ao seu filho juiz é que pertencia proceder a esse auto; mas deste crime não valeu a pena de investigar, e dar delle conhecimento á justiça; forte ratão que é este sr. administrador!.. O caso é que se o não diziam ao sr. sub-delegado, o negocio passava assim.

No domingo 24 d'agosto, de manhã, e no meio da praça publica de Sobrado, dia de mercado, e presentes mais de cem pessoas, o caseiro do sr. administrador espancou á falsa fé Francisco Lopes, de S. Martinho, deste concelho; houve gritos de soccorro, tarde e mal apparece um cabo de policia, que dá a voz de preso ao espancador; mas este declara ser caseiro do sr. administrador, e de seu filho o sr. juiz, então gosou do privilegio de se conservar a vender as suas melancias, até que chegaram seus amos, e arranjan, do-lhe uma especie de fiança, mandaram-no regar e tratar dos milhos, o espancado foi curar as feridas, e obrigado a calar *a torneira*; deste facto tambem não valeu a pena de investigar, mas em compensação, procedeu-se a corpo de delicto quando já os ferimentos haviam sarado.....

O exm.º governador civil foi sabedor destes factos, mas a informação do seu delegado, tapou a bocca ao testemunho de uma povoação inteira, e a toda a gente do mercado; ávante senhores!

No dia 15 de setembro, e no arraial de Santa Eufemia o sr. administrador, que se achava ali, mandou prender, sem ser em flagrante, a José Ferreira da Trindade Junior, de Oliveira d'Arda, freguezia da Raiva, e para o que se fez um aparato bellico; e o resultado; foi o sr. administrador admittir-lhe uma fiança, já se sabe, como se dá por qualquer junta de bois, e o preso com todos os seus crimes que motivaram a sua prisão, *foi em santa paz*; attribue-se isto *a milagre da santinha*... Commentem.....

Em 30 do mesmo mez, foi um escrivão fazer uma diligencia, munido da competente ordem, e teve de abandonar o campo, e o procurador da parte, para poder trazer o chapeu a casa; mas isto não vale a pena, tudo acaba em bem, porquo o sr. administrador, e seu filho, o sr. juiz, já prometteram a sua protecção, e então não haja susto... Juntem.—

No 1.º do corrente, Estevão Peixoto Ozorio Sarmento, da casa d'Abol, concelho de Penafiel, para ter segurança neste concelho veio com criados armados para receber a renda das suas terras, mas o direito da força *de certo visinho do sr. administrador*, oppõe-se a uma sentença do juiz de direito da comarca; Estevão pede auxilio áquelle chefe de policia, este nega-lh'o, e o caseiro Antonio Lopes, para evitar conflictos, e não

pagar duas vezes, requer depózito dos fructos; mas em compensação, tem elle e seus filhos as costellas em grave risco, se pozerem os pés dentro da propriedade, porque o tal visinho do sr. administrador, declara publicamente, *que lh'as ha de pôr n'um feixe!*

Termino por hoje, e ficam de remissa muitas desta laia, de que o tenho de fazer mimoso, e lembrar ao exm.º governador civil, que sendo este concelho territorio portuguez, é justo que nos dê *um bocadinho* de segurança, para que ao menos possamos dizer, que achamos alguma differença entre este governo constitucional, e o passado, de ominosa recordação; e sou com toda a consideração

V. etc.
Minotti.

TRIBUNAES

Na sessão do tribunal da Relação de 1 do corrente, distribuiram-se as seguintes causas:

Appellações civeis

Santo Thyrso.—Antonio Monteiro da Silva Guimarães com Maria Carneiro e outro; juiz Oliveira, por impedimento Pinto, escrivão Silva Pereira.

Soure.—José Domingues com o reverendo Manoel Ennes da Costa; juiz Aguilar, escrivão Albuquerque.

Vieira.—Manoel Joaquim Gonçalves com Joaquim Manoel Gonçalves e mulher; juiz Seabra, escrivão Cabral.

Chaves.—Ignacio Pisarro de Moraes Sarmento com Miguel Carneiro Barbosa Bizarro; juiz Lima, escrivão Sarmento.

Villa Nova de Famalicão.—Os mesarios da Misericordia do Porto com José Marques; juiz Sarmento, escrivão Albuquerque.

Braga.—D. Josefa Joaquina de Gouvêa com Domingos Barbosa Machado; juiz Cerqueira, escrivão Cabral.

Regoa.—Manoel da Silva Araujo com Maria Barbosa; juiz Barbosa, escrivão Sarmento.

Arcos.—Francisco Antonio Pereira e mulher com o padre Manoel José da Cruz Pias; juiz Casado, escrivão Silva Pereira.

Coimbra.—Thomaz Amado e mulher com Luiza de Jesus e marido; juiz Castro, escrivão Albuquerque.

Porto.—Bartholomeu de Sousa e Castro com D. Maria Adelaide Vieira de Magalhães; juiz Pitta, escrivão Cabral.

Porto.—Maria Rita Corrêa com D. Maria Amalia da Fonseca; juiz Barbosa, escrivão Sarmento.

Santo Thyrso.—Francisco Corrêa da Silva e mulher com D. Rita d'Araujo Lobo e outro; juiz Pinto, escrivão Silva Pereira.

Porto—Maria Monteiro com Antonio Monteiro Ramos; juiz Abranches, escrivão Albuquerque.

Braga.—Augusto José Correia da Cunha com Francisco d'Assis Pereira; juiz Lopes, escrivão Cabral.

Porto.—Madames Ferins com Joaquim José Lobo e mulher; juiz Baptista, escrivão Sarmento.

Porto.—O douctor Thomaz Antonio d'Oliveira Lobo com Antonio da Silva, viuvo e filhos; juiz Velloso, escrivão Silva Pereira.

Porto.—Antonio da Silva Pereira Magalhães com D. Maria Francisca da Conceição Magalhães; juiz Martins, escrivão Albuquerque.

Porto.—D. Anna Guilhermina Correia Maia e marido com o doutor José Maria de Lima Barreto; juiz Ribeiro Abranches, escrivão Cabral.

Lousada.—O bacharel Victorino José da Silva Netto com Maria Joaquina e filha; juiz Silveira Pinto, escrivão Sarmento.

Lousada—Antonio José da Silva Alves com o marquez de Niza; juiz Oliveira, por impedimento Silveira Pinto, escrivão Silva Pereira.

Barca—Manoel Gonçalves e mulher com Maria Rosa Meirelles, juiz Aguilar, escrivão Albuquerque.

Feira—Rosa Maria Gomes com Manoel de Fontes e outros; juiz Seabra, escrivão Cabral.

Guimarães—Manoel Nogueira e mulher, no inventario de Anna Mária; juiz Lima, escrivão Sarmento,

Villa Nova de Famalicão—A misericordia do Porto com João da Costa Marques; juiz Lopes Branco, por impedimento Aguilar, escrivão Silva Pereira.

Chaves—Francisco Eugenio da Cunha Fajardo e outros com João Bernardo; juiz Sarmento, escrivão Albuquerque.

Guimarães—José Raymundo com José Antonio d'Oliveira Guimarães; juiz Cerqueira, escrivão Cabral.

Porto—Joaquim Antonio da Silva Rocha com Joaquim de Sá Couto; juiz Sousa, escrivão Sarmento.

Foscoa—João Antonio Maria Saraiva com Antonio Diniz; juiz Casado, escrivão Silva Pereira.

Porto—Henrique Carlos de Mesquita Guerner com D. Ermelinda Emilia Guerner e outros; juiz Castro, escrivão Albuquerque.

Vizeu—Alexandre Rodrigues Correia com José Antonio d'Almeida e outro; juiz Pitta, escrivão Cabral.

Amarante—Alexandre Moreira com Antonio Pinto de Mattos e outros; juiz Barbosa, escrivão Sarmento.

Porto—Manoel Fernandes Rego e mulher com Anna Alves, marido e outros; juiz Pinto, escrivão Silva Pereira.

Lousada—Anna de Sousa e marido com o marquez de Niza; juiz Abranches, escrivão Albuquerque.

Lousada—Manoel Ribeiro Nunes e mulher com o marquez de Niza; juiz Lopes, escrivão Cabral.

Estarreja—Manoel Marques d'Areia com Antonio José Pinto da Silva; juiz Baptista, escrivão Sarmento.

Lousada—Antonio José da Silva Alves com o marquez de Niza; juiz Martins, escrivão Albuquerque.

Agueda—José Marques d'Almeida com Rita Maria Clara; juiz Ribeiro Abranches, escrivão Cabral.

Villa Pouca d'Aguiar—José Caetano Dias e mulher com Victorino José de Sousa e mulher; juiz Silva Pinto, escrivão Sarmento.

Oliveira d'Azemeis—Joaquim José de Sousa e mulher com Maria Rosa; juiz Oliveira, por impedimento Seabra, escrivão Silva Pereira.

Braga—José Peixoto e mulher com Domingos Peixoto do Rego e mulher; juiz Aguilar, escrivão Albuquerque.

Lousada—Maria Rita Carneiro do Amaral com Bernardino José Lourenço e mulher; juiz Seabra, escrivão Cabral.

Braga—Francisco Gomes Ferreira com Antonio de Sousa Maia; juiz Lima, escrivão Sarmento.

Coimbra—O bacharel Joaquim José de Sousa com o bacharel José de Moraes Pinto d'Almeida; juiz Lopes Branco, por impedimento Lima, escrivão Silva Pereira.

Lousada—O marquez de Niza com José Barreto Borges do Couto Archer; juiz Sarmento, escrivão Albuquerque.

Albergaria a Velha—Joaquina Rosa de Jesus e marido com José Antonio da Silva Larangeira; juiz Cerqueira, escrivão Cabral.

Estarreja—Christina Maria Fernandes Buella e marido com Manoel Affonso Lopes Pinto; juiz Sousa, escrivão Sarmento.

Foscoa—José Antonio da Silva e filha com Joaquim Gonçalves; juiz Casado, escrivão Silva Pereira.

Porto—José da Silva Pereira no inventario de Antonio da Silva Alves Pereira; juiz Castro, escrivão Albuquerque.

Feira—Antonio Alves Custodio com Francisco Pereira de Sousa; juiz Pitta, escrivão Cabral.

Cantanede—(Recurso) Maria d'Oliveira com José Mendes; juiz Barbosa, escrivão o mesmo.

Villa Real—José Narciso Vaz Pimentel e outro com Victorino Ferreira Correia Monsão e mulher; juiz Pinto, escrivão Sarmento.

Santo Thyrso—Francisco Luiz Ferreira Torres com José d'Oliveira Maia e irmãos; juiz Abranches, escrivão Silva Pereira.

Ponte do Lima—Hermenegildo Antonio Pinto mulher e outros com Francisco Joaquim Machado d'Almeida; juiz Lopes, escrivão Albuquerque.

Porto—Joaquim Antonio da Silva Rocha com Joaquim de Sá Couto; juiz Baptista, escrivão Cabral.

Feira—Manoel Pinto d'Almeida e mulher com Manoel d'Oliveira viuvo; juiz; Velloso, escrivão Sarmento.

(*Continúa*)

EXTERIOR

Dos jornaes recebidos hontem extraimos o seguinte:

Londres 30.—Segundo o «Times» os documentos publicados no «Moniteur» teem por fim provar que o imperador esgotou os meios de salvar o throno pontificio e que a França póde evacuar Roma.

Noticias de Nova-York de 18 asseguram que Charlestown está atacado pelas canhoneiras federaes. O forte Lummen sofreu muito como o bombardiamento. A luta continua nas proximidades de Munforhville, Kentuky, entre os confederados e federaes. O governador de Pensilvania diz que reniu 20,000 voluntarios e espera cheguem a 100,000. O recrutamento começará no 1.º d'outubro em Nova-York, O congresso federal approvou por 56 votos contra 13 a invasão no Maryland e n'outros estados do sul.

Outras noticias que alcançam a 20 annunciam que Mac-Clellan diz officialmente que conseguiu uma victoria completa e fez recuar o inimigo para o outro lado do Potomac. Diz-se que o Maryland e a Pensylvania estão livres das suas invasões. Acredita-se que Mac-Clellan entrará na Virginia, tendo sido já precedido por Burnside. Os federaes tornaram a occupar Harpers Ferry. O general confederado Bragg fez prizioneira a guarnição de Mures, Jordsville, Hentercky, composta de 4,000 homens.

Paris 30.—Espera-se a noticia official da modificação ministerial seguinte: Ratazzi, presidencia e estado; marquez de Pepoli, interior; Stella, commercio; Minotti, fazenda. Ignora-se quem terá a pasta da justiça.

Djenil Bey, novo embaixador da Porta em Paris, saiu de Constantinopla.

Berlin 30.—Mr. Birmark leu hontem na camara um documento official no qual diz que vista a opposição ao orçamento de 1862, o rei, por proposta do ministerio, aucthorisou o peisidente do conselho a retirar o projecto do orçamento de 1862.

Alexandria 1.º—O vice-rei chegou aqui sem novidade. Continua a insurreição no Houran.

Turin 1.º—Conforti sai do ministerio, ficando os outros ministros nas suas pastas.

Paris 2.—A «Patria» annuncia que Barrot volta á embaixada de Madrid, e que Croy foi nomeado segundo secretario d'esta embaixada.

Dois navios francezes vão a Lisboa para representar a França no matrimonio do rei de Portugal.

Chegou a Toulon o principe Napoleão.

Nova-York 20.—A batalha de 17 não teve resultado definitivo; mas a posição dos federaes fica melhor do que dos confederados. A perda dos federaes eleva-se de 6 a 10:000 homens O general Mansfield (federal) foi morto. Os generaes federaes são em numero de treze.

Um relatorio de Mac-Clellan, datado de 19, diz:

«O inimigo abandonou as suas posições durante a noite, deixando os seus mortos e feridos no campo de batalha. Não sei ainda se elle se retirou para o interior do paiz ou se tornou a passar o rio; mas podemos reclamar a honra da victoria.»

Um despacho posterior de Mac-Clellan diz que o general Pleasanton repelliu o inimigo do outro lado do rio, e que a victoria dos confederados é completa. O Maryland e a Pensylvania estão agora livres dos invasores.

Jackson retira-se para a Virginia. O exercito do Sul parece que tornou todo a passar a Potomac com uma leve perda; dirige-se para Winchester.

O exercito de Mac Clellan concentrou-se entre Entistem Creek e o Potomac, defronte de Shepherdstown. Crê-se que o general tenciona passar o Potomac. Não se confirma a noticia de ter sido prisioneiro o general confederado Longstreet.

A guarnição federal de Mumsfordeville, que contava de 4 a 5:000 homens, rendeu-se no dia 17 ao general Bragg. O general tomou dez peças n'esta praça.

Não tem fundamento a noticia de estar atacada Charleston.

As canhoneiras federaes destruiram Pientice, no Estado de Missispi.

Os confederados, concentrados em Goldsborough, preparam-se para atacar Newburn, na Carolina do Norte.

Idem.—Burneside occupa no dia 16 Harper's Ferry expellindo d'esta cidade os confederados, que perseguiu até Martinsburg. Passou então o Potomac, e auxiliou Mac-Clella no combate de 17.

Os confederados tornaram a passar o Potomac no dia 16. Salvaram os seus transportes e só deixaram 300 feridos nas mãos do inimigo.

Ainda se veem em força nas margens do Potomac, em frente das posições occupadas por Mac-Clellan.

Os confederados collocaram as suas baterias de maneira a impedir a passagem dos federaes.

A perda das tropas do Sul avalia-se de 18 a 20:000 homens.

Idem 22.—Os confederados deixaram as margens do Potomac, dirigindo-se para Winchester:

O exercito federal passa o Potomac em Shepherdstown e Williamspoint.

Os confederados evacuaram Harper's Ferry; depois de ter destruido os armazens e as munições dos federaes.

Os generaes Siegel Heintzelmann ficam encarregados da defeza de Washington.

Marselha 30.—O marquez de Lavalette chegou de Roma e partiu para Pariz. Correspondencias de Roma, apresentam a sua partida como definitiva.

O «Jornal de Roma» nada publicou até aqui dos documentos do «Moniteur».

A beatificação da defunta rainha de Napoles, mãe de Francisco II, foi pleiteada entre os cardeaes no ultimo consistorio.

Uma fragata austriaca deve vir a Civita Vecchia receber a princeza Annunciata, futura esposa do archiduque Carlos d'Austria.

As cartas de Napoles de 27 dizem que o despacho que annunciou os documentos do «Moniteur» causou alli uma grande sensação.

Berlin 1.—A commissão de fazenda decidiu que o governo apresente a tempo o orçamento de 1863, para se poder discutir este anno. Que o governo auctorisando uma despeza regeitada pela camara, obrará inconstitucionalmente. M. Roon declarou que era impossivel apresentar a lei e os orçamentos antes do fim do anno.

NOTICIARIO

Festejos.—Na quarta-feira que foi o ultimo dia de gala por occasião das reaes nupcias, continuaram os repiques de sinos, estouraram alguns foguetes; e o sr. vigario geral mandou celebrar um *Te-Deum* na sé desta cidade, a que assistiram os srs. governador civil, delegado do thesouro, e os empregados de ambos, os srs. administrador do concelho, e seu escrivão, o governador militar, e um official subalterno.

O *Te-Deum* do sr. vigario geral foi uma surpreza para a nossa camara municipal, que apezar de todo o assolamento em concorrer a elle, não pôde reunir o sr. presidente senão os srs. vereadores Azevedo, e Mostardinha, que nem tempo tiveram de envergar os calções.

O estandarte municipal correu o perigo de não comparecer na solemnidade, porque nenhum dos srs. vereadores quiz carregar com elle. Valeu ao pobre estandarte, e salvou a honra do municipio naquelle dia, o sr. Brito, official de diligencias da camara, que foi quem entrou com elle hasteado a porta da igreja.

Houve musica nas tardes e noites do segundo e terceiro dias, e ouvimos a linguas maldosas, que se no cofre da camara não tivesse entrado certa multa por tomadia que no segundo dia se fez, não haveria dinheiro para pagar á musica como no primeiro dia o não houvera.

O sr. delegad do thesouro na quarta feira, deu um jantar aos presos indigentes. Bem haja s. s.ª, que traduziu o seu jubito, dando de comer aos encarcerados que tinham fome.

Presente pontificio.—Lê se no «Jornal do Havre»:

Já fallamos de alguns dos presentes que o Papa offereceu á sua afilhada, a princeza Pia, na occasião do seu casamento com o Rei de Portugal.

Eis-aqui, segundo o jornal «O Monde» a descripção de um outro presente, que é tambem um relicario:

Uma dupla folha de ouro massisso, abrindo em forma de album, contém encaixilhados na parte interior um bocado do véo da Santissima Virgem e um espinho da corôa de Jesus.

Estas duas reliquias e as provas authenticas estão encaixilhadas nas folhas de ouro, de muita grossura, por um contorno de pedras preciosas.

As duas faces exteriores são ornadas com duas primorosas miniaturas, que correspondem ao lugar onde as reliquias estão encaixilhadss no interior.

A miniatura que corresponde á reliquia do véu, representa uma *Addolorata* (Senhora das Dores) e a outra um *Ecce Homo.*»

Outra versão.—Lê se no mesmo jornal:

Falla-se muito em Turin dos presentes feitos por Pio IX á sua afilhada a princeza Pia. Avaliam estes presentes em perto de 500:000 francos (90 contos de réis).

Nota-se entre os presentes um rosario de 315 contas, cada uma das quaes é separada por uma perola, e cada perola por um diamante.

Além do rosario um relogio, que em cada numero do horario tem uma reliquia; e um album heraldico dos Papas, com os retratos e inscripções relativas a cada um. O album termina pelo retrato do Pio IX.

CORREIO

LISBOA 5 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

(Por falta de espaço não concluimos a carta do nosso correspondente da capital, começada no numero anterior, o que em seguida fazemos:)

—O Terreiro do Paço está vistosissimo. De todas as sacadas desta magnifica praça, pendem colxas de varias cores, e sendo diversas pinturas, com grandes borlas doiradas. As armas das nossas principaes cidades e villas, intercaladas das armas portuguezas e italianas, e colocadas nos vãos das janellas, são de um effeito admiravel. O pavilhão real tem quarenta e quatro columnas, e os seus cortinados são de seda azul e branca. Sobre a grande cupula está a corôa real de metal doirado sobre a almofada de velludo vermelho. Esta praça é illuminada com cinco mil e trezentos lumes. Pelas ruas da baixa ha pregadas em todas as paredes bandeirrs portuguezas e italianas. Tudo é festa. Heide fazer uma descripção minuciosa de tudo isto que traz alvoraçadas milhares de pessoas.

—Todos se tem empenhado em patentear por mil modos differentes as alegrias causadas pelo consorcio do nosso Rei.

—O sr. Cifka, photographo conhecido n'esta cidade, colligiu trinta e uma vistas photographicas, por elle triadas, de differentes monumentos e pontos de Lisboa e Cintra, e da nova ponte da linha ferrea do sal, sobre o Tejo.

Agumas vistas do palacio da Pena e paizagens de serra, são muite notaveis pela verdade com que estão reproduzidas. particularmente os penedos e os arveredos da serra.

As vistas de Lisboa são tambem para mencionar, sobretudo as tiradas do alto de Santo Amaro e do monte da Graça.

D'estas trinta e uma vistas formou o sr. Cifka um curioso album, que tenciona offerecer a S. M. a Rainha, e que será muito do real agrado, por conter as vistas de alguns monumento e de varios sitios da cidade, onde agora a augusta Rainha vai residir, capital da sua patria adoptiva.

A casa commercial d'esta cidade que gira sob a firma de Abreu & Correia, offereceu a El-Rei o sr. D. Luiz uma rica farda de major general, feita com todo primor por dois artistas nacionacionaes.

A farda é de finissimo panno azul da fabrica da arentella. O panno encarnado da gola e dos canhões é da fabrica do sr. Larcher. A seda dos forros da fabrica do sr. Eduardo Manoel Ramires, e as as entertellas da fabrica de Torres Novas.

Todo o retroz empregado na farda sahiu das fabricas do Porto; os coichetes são da fabrica do sr. Schalk, e os botões foram feitos pelos srs. Gdilherme Paulo Bureau, e Caetano d'Araujo Couto. Este ultimo abriu os cunhos. Os botões são de oiro e prata. Só os pés são deste ultimo metal. e teem em redor perfeitamente cunhados os nomes dos offerentes da farda *Abreu & Correia.*

Cortou a farda e dirigiu todos os trabalhos o sr. Jacinto Nunes Correia. As bordaduras a oiro na gola e nos canhões são do sr. A M. Pereira, e todos os trabalhos de costura do sr. José Raymundo Ferreira da Cunha, official de alfaiate.

Esta farda é em tudo nacional, e só feita, preparada e decurada por nacionaes. Sómente as agulhas empregadas na costura foram inglezas, por não haver agulhas nacionaes. Foi cortada a olho, feita sem prova alguma, e com tanta perfeição que não parece ter sido feita assim.

Apresentada hoje a El-Rei pelo sr. Jacinto Nunes Correia, socio da casa commercial offerente, consta-nos que S. M. lhe agradeceu com affaveis e lisongeiras expressões, elogiou a perfeição de todos os trabalhos, e dignou-se prometter que usaria a farda nacional offerecida como brinde das suas nupcias com o augusta filha de El-rei d'Italia.

Os srs. Grezielle & Irmão, chapelleiros estabelecidos no largo das Duas Igrejas fabricaram um chapéo de gala para offerecerem a El-Rei o sr. D. Luiz.

Hontem foi um d'aquelles artifices pedir a licença a El-Rei para lhe offerecer o chapéo. S. M. dignou-se receber o sr. Grezielle com a maior benevolencia, e lhe disse que com muito gosto acceitava o seu brinde.

E' sabido que a chepellaria portugueza hoje não tem inveja á estrangeira, e que os srs. Grezielle & Irmão são dos que mais teem contribuido para o aperfeiçoamento d'este officio.

O chapéo fabricado pelos srs. Grezielle & Irmão é um primor d'arte, e será difficil excedel-o na elegancia da fórma e no bem acabado de todo elle. No ferro tem em oiro a cifra real com a corôa sobreposta.

A caixa é tambem notavel pela sua simplicidade e bom gosto. Foi fabricada na officina do sr. Antunes. E' de uma bonita madeira e tem nos lados embutida a corôa sobreposta á firma real, em madeira de azevinho. E' de bom effeito este embutido, porque a propria madeira tem um clare escuro tão bem disposto que parece feito a pincel.

A caixa abre-se de modo que o chapéo fica no séu logar, diversificando das que vulgarmente se usam. Tem uma argola de prata.

E' um presente todo portuguez, e que S. M. decerto muito aprecia. Os srs. Grezielle & Irmão tiveram uma lembrança que os honra e á industria que exercem.

Do «Commercio do Porto» copiamos o seguinte telegramma :

A ULTIMA HORA

LISBOA, 9 ÁS 9 H. E 39 M. DA M.

«Houve reunião no conselho de estado para se tratar da amnistia aos envolvidos nos acontecimentes de Braga.

O decreto será publicado ámanhã ou depois.

São exceptuados aquelles que ainda não se apresentaram,

Ha toda a probabilidade de que se mandem buscar as praças de caçadores 3 que foram para a Africa.

São elevados a condes os viscondes de Laborim, Castro, Campanhã, Foz, Sarmento e Rilvas.

O sr. Soares Franco foi tambem feito visconde.

A recepção hontem no paço foi luzida e muito concorrida.

Hoje prepara-se tudo para a grande parada no Campo Pequeno.

Ha muitas mais graças.

O dia 16 de outubro foi declarado dia de grande gala, por serem os annos da Rainha. Ficou para esse dia o baile no Paço.

As fidalgas qne no dia do desembarque formavam na igreja de S. Domingos o cortejo especial da Rainha foram as sr.as marquezas do Fayal, Ficalho. Vallada e Sousa Holastein, condessas do Sobral, Ficalho. Rio Maior, Villa Real, Galveas, Alcaçovas, Ribeira Grande, Murça e viscondessa da Asseca.

Além dos ministros de Estado honorarios que mencionamos na correspondencia de terça feira, tomaram tambem parte no cortejo de SS. MM. os srs. A. J. d'Avila, Silva Ferrão e Felippe de Soure.

O sr. ministro da marinha mandou aprompter a corveta «Estephania» para a estação do Rio de Janeiro.»

Da correspondencia do «Diario do Povo» transcrevemos o seguinte:

«Quando a joven Rainha chegou ao paço, o seu primeiro cuidado foi expedir um telegramma dirigido a seu augusto pai, dizendo-lhe que já estava ligada pelos laços sagrados ao Senhor D. Luiz I, que foi recebida com as demonstrações mais solemnes de contentamento, que o povo portuguez é digno de ser admirado pela sua doçura, e que nas poucas horas que havia gosado com El-Rei conheceu que é um typo de bondade, de grandeza d'alma, e que finalmente estava muito satisfeita, posto que a cada momento a saudade de seu augusto pai lhe comprimisse o coração.

Na mesma noite, a Rainha quiz vêr todo o paço real, e admirou a grandeza e bom gosto.

Dizem que o paço de Turin não apresenta tanta grandeza.

Quando a joven Rainha entrou na capella, curvou os joelhos e orou.»

REAL CONSORCIO

S. M. a Rainha D. Maria de Saboya é uma senhora de physionomia mui agradavel, sympathica e expressiva. E' de elevada estatura e mui airosa. Os seus cabellos são loiros, e os olhos vivos pretos; a sua tez é alvissima. Todas as pessoas que tem tido a honra de fallar a S. M., vem captivadas da sua extrema amabilidade e delicadeza.

S. M. a Rainha D. Maria passou bem durante toda a viagem, sem incommodo algum. De noite vinha sempre para o tombadilho, onde se demorava até ás 9 e 10 horas, a ler ou a bordar. Armava-se um toldo proprio, e ali se collocava um candieiro, para commodidade de S. M.

S. A. o principe Umberto veio a bordo da fragata almirante «Maria Adelaide». Em Gibraltar, S. A. veiu a bordo da corveta real «Bartholomeu Dias», e S. M. a Rainha tambem foi depois visitar seu augusto irmão a bordo da fragata almirante.

A divisão naval italiana que acompanhou S. M. a Rainha, compõe-se das quatro fragatas «Maria Adelaide», «Duque de Genova», «Italia», «Garibaldi», e o aviso a vapor «Anthion». E' commandada pelo vice almirante conde Alboni.

A tropa hontem houve-se com muita prudencia, deixando muita gente do povo metter-se entre as alas, para melhor gosar o prestito. Louvamos altamente similhante proceder.

Orçam por mais de cem mil pessoas, as que das provincias e dos arredores vieram para assistir ás festas do real consorcio.

A falta de casas e de estalagens para receber tanta gente foi tal, que um grande numero de individuos passou a noite de sabbado para domingo na Praça do Commercio. Felizmente o tempo não os incommodou, porque se tem conservado ameno quanto era para desejar.

Nos comboyos do caminho de ferro que hontem sahiram de Lisboa, nem um só passageiro foi, segundo nos informam.

Hontem na occasião em que o prestito real sahia do Paço d'Ajuda, os cavallos do primeiro coche espantaram-se, e tomando o freio nos dentes despenharam-se. O sota teve a lembrança de puchar os cavallos para uma travessa, onde de encontro a uma parede cahiram. O coche ficou muito damnificado. As pessoas que iam dentro, que eram, cremos nós, os guarda-roupas, nada soffreram; nem houve outro desastre senão o porteiro da cana Joaquim Ricardo de Sousa ficar bastante magoado, porque para não ser atropellado pelo coche teve de saltar do cavallo.

Todavia, depois de curado na botica, tomou o seu logar no prestito, e acompanhou-o até ao fim.

Consta-nos que no proximo numero do «Archivo Pittoresco» sahirá a vista da Praça do Commercio na occasião do desembarque da Rainha, e no seguinte o Arco do Commercio, levantado na praça do Corpo Santo, o da Companhia do Gaz, visto illuminado. e bem assim os outros principaes, tudo em gravuras de madeira.

Da «Correspondencia», lithographica, «franco-italiana», que se publica em Turin, extrahimos o seguinte ácerca do consorcio de S. M. a Rainha D. Maria de Saboya;

«Turin, 27 de setembro de 1862.

Continuarei naturalmente a relatar-vos, primeiro do que qualquer outra coisa, as festas da côrte, que actualmente attrahem todas as attenções na nossa cidade.

Hontem á noite o concerto no palacio foi dos mais brilhantes. Um grandissimo numero de convidados enchia todos os salões. A princeza Pia e a princeza Clotilde traziam magnificos diademas de brilhantes de um esplendor surprehendente. A execução da parte musical foi admiravel. O famoso *Tamborini* fez-se ouvir pela ultima vez n'este concerto, que, em consequencia da sua avançada idade (70 annos), será um solemne e feliz encerramento da sua carreira musical.

A's dez horas a côrte retirou-se, atravessando uma dupla e resplandecente ala, que se formou instantaneamente. As damas e cavelheiros resplandeciam uns e outros em deamantes, bordaduras, e condecorações das differentes ordens de todas as côrtes da Europa e da Azia. Distinguiam-se particularmente os officiaes da marinha portugueza.

Esta manhã, ás onze horas, teve logar na capella interior do palacio o casamento religioso de S. A. R. a princeza com o Rei de Portugal, S. M. El-Rei, todos os principes, todos os personagens da côrte, os cavalleiros da ordem da Annunciada, os ministros, e a princeza Clotilde, acompanharam a joven Rainha ao altar.

O marquez de Loulé representava o Rei de Portugal, mas o verdadeiro mandario, ou o que tinha a procuração especial que proferiu o «sim» solemne, foi S. A. R. o principe Eugenio de Saboya Carignan.

Monsenhor Charraz, arcebispo de Genova, assistiu por parte de suas grandezas os arcebispos de Signerol de Cremona, d'Alife, e de Biele, celebrou a funcção religiosa.

A futura Rainha de Portugal usava um riquissimo diadema de brilhantes, brinde de S. M. o imperador dos francazes (1). Este brinde tinha sido acompado de outro rico brinde de S. M. a imperatriz, que consistiu em um vestido guarnecido de «valenciana», com todos os enfeites da mesma renda.

Uma innumeravel multidão enchia, desde as dez horas da manhã, a parte interna e externa do palacio. Na grande sala das guardas, nos longos corredoaes que conduzem á sua capella, reuniu-se uma sociedade escolhida, principalmente em senhoras, tudo o que em Turin ha de mais distincto e elegante, formava uma magnifica ala desde o aposento do Rei até á capella.

A's onze horas precisas, a côrte dirigio-se á capella. S. A. R. o principe de Carignan dava o braço á futura esposa, e S. A. I. o principe Napoleão, em grande uniforme de general, dava o braço á duqueza de Genova.

A princeza Mathilde, a princeza Margarida, o duque de Genova, o principe real, e o principe Amadeo, esperavam na capella. Monsenhor Charraz é que proferio a allocução.

As festas por occasião do casamento da princeza Pia, attrahiram a Turin numerosos estrangeiros, particularmente das familias portuguezas que altamente manifestam a sua satisfação, e fazem sobresahir o mais auspicioso futuro desta feliz união.

Hontem os membros da legação portugueza dirigiram-se aos estabelecimentos dos rmãos «Bernieri», para fazer tirar uma photographia n'aquelle «atelier», que é um dos primeiros de Turin.

Assegura-se que na terça-feira se declarará officialmente uma mudança politica — acaba-se o estado de sitio; haverá amnistia geral e perdão para todos, menos para os desertores.

A partida da nova Rainha de Portugal para Genova, terá logar ámanhã á uma hora da tarde. As quatro legiões da guarda nacional reunem-se ás dez horas. Uma immensa multidão ha de fazer o corteja á côrte até ao ponto de embarque. O principe Napoleão acompanhará a nova Rainha a Marselha.

A partida de Genova terá logar na terça-feira, depois das dez horas da manhã. A côrte voltará então para Turin.

(Do «Jornal do Commercio»)

(1) Se este diadema é o mesmo com que S. M. se adornava hontem, quando desembarcou, não era presente de S. M. o imperador dos francezes, mas de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I.

Desculpa. — A carta que hoje recebemos do nosso correspondente de Lisboa, porque versa sobre assumpto tão jubiloso para todo o paiz, impoz-nos o dever de publical-a na primeira pagina deste jornal.

Esta mudança atrazou-nos por tal fórma a publicação do jornal, que não pôde ser feita hontem nem a distribuição delle nesta cidade, nem a remessa pelo correio.

D'esta falta pedimos desculpa aos nossos assignantes.

Transferencia. — O nosso amigo e patricio o sr. Santos Pacheco, digno cirurgião ajudante do extincto regimento d'infanteria 6, foi mandado fazer serviço no regimento d'infanteria 17, em Beja.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 3 de outubro

Entradas

CAMINHA—Hiate port. Dez de Outubro, m. J. P. Balhador, 8 pes. de trip., lastro.
PORTO—Hiate port. Santa Cruz, m. A. d'A. Laborinho 7 pes. de trip., lastro,
CAMINHA—Hiate port. Cortez, m. A. G. Vianna 4 pes. de trip., lastro.

EM 4

PORTO—Rasca port. Conceição d'Aveiro, m. F. de Mattos, 9 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. Senhora do Pilar. m. S. da S. Marques, 10 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. Moreira m. L. Henriques, 11 pes. de trip., vazio.

EM 5

PORTO—Hiate port. Cruz 2.º, m. A. S. Amaro, 8 pes. de trip., lastro.
IDEM—Hiate port. Bragança, m. D. da Rocha, 8 pes. de trip. lastro.

EM 6

CASCAES—Bateira port. Mallaposta, m. F. G. Louro 7 pes. de trip., ferro e encommendas.

EM 7

PORTO—Hiate port. E' Segredo, m. A. N. Ramizote. 8 pes. de trip., lastro.
IDEM—Hiate port. Dorval, m. M. C. da Conceição, 8 pes. de trip., ferro a empreza Salamanca.

EM 8

LISBOA—Bateira port. Adelaide, m. J. P. dos Santos, 8 pes de trip., ferro á empreza Salamanca.

ANNUNCIOS

Antonio Marques dos Santos, de Villa-Verde, agradece por este meio, pelo não poder fazer pessoalmente, a todos os rd.os padres e mais pessoas que assistiram ás exequias que se celebraram na igreja d'Oliveira de Bairro.

Francisco de Sousa Janeiro, bacharel formado em theologia e professor d'instituições canonicas nesta cidade, annuncia que do dia 15 do corrente na rua das Arribas, ensina latim, latinidade e fraucez, por se achar para isso completamente habilitado, com auctorisação regia.

O JUDEU ERRANTE

E

OS MYSTERIOS DE PARIZ

(EDIÇÃO PORTUENSE)

Tendo-se exgotado a 1.ª edição destes dois popularissimos e interessantes romances, que por si só bastaram para exalçar a reputação de EUGENIO SUE, um dos vultos mais salientes na litteratura franceza; e havendo nós obtido auctorisação de seus illustres traductores e publicadores para os reimpremir em 2.ª edição, — vamos tentar esta empreza — esperando encontrar no favor publico o valioso auxilio e protecção que ella carece para a sua realisação.

O formato será identico ao da BIBLIOTHECA DAS DAMAS, e cada volume não conterá menos de seis folhas d'impressão, ou 96 paginas.

A traducção é esmerada, circumstancia valiosa, e pouco vulgar em publicações d'esta ordem.

A publicação principiará pelo JUDEU ERRANTE, a qual encetaremos logo que haja numero sufficiente d'assignaturas que cubra a despeza da impressão.

Preço de cada volume 120 reis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se no Porto, no escriptorio do «Archivo Juridico» e «Bibliotheca», rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta.

QUADROS D'ALMA

OU

A MULHER ATRAVEZ DOS SECULOS

POR

Porphyrio José Pereira

Um volume em 8.º grande, br. com o retrato do auctor. — Acha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

RELAÇÃO GERAL

DOS

CONDECORADOS COM A

MEDALHA

DE

D. PEDRO E D. MARIA

Precedida do decreto da sua creação—do que nomeia a commissão classificadora—das instrucções respectivas—e dos modelos da medalha

Já estão impressas as relações parciaes n.os 1 a 12, publicadas nas ordens do exercito n.º 11 a 25.

Vende-se na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Neta—Porto.

LISBOA—na loja do sr. Lavado.
BRAGA—na do sr. Germano.
VIANNA—na do sr. André Joaquim Pereira.
COIMBRA—na do sr. José de Mesquita.

Os srs. que quizerem se lhes envie pelo correio, *franco*, mas dá 220 reis em estampilhas a J. L. de Sousa=Porto.

Quem quizer arrematar a obra d'estuque da igreja de Macenhata do Vouga, no concelho d'Agueda, comparega no adro da mesma no domingo 16 de novembro pelas 10 horas da manhã. As condições estarão patentes na sachristia da respectiva parochia.

ARCHIVO JURIDICO

Publicação regular da legislação de mais interesse, tanto antiga como moderna.

EDITOR—J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 13 da 2.ª serie que contém :

Alterações na formação das matrizes=Instrucções do processo das cauções=Ordem aos escrivães de fazenda para deixarem de receber 50 réis (a titulo de emolumentos) de cada documento que sellarem=Lei dos aggravos.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do ARCHIVO JURIDICO, comprehendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial —Lei da Desamortisação; — Lei do Sello;— Lei de Transmissão;—Lei do Registo;—Lei da Contribuição Pessoal;—Lei da Contribuição Industrial;—Lei da Contribuição Predial; — Lei dos Jurados, processos aos escrivães; — Lei que altera a Reforma Judiciaria;—Lei que concede serventuarios aos escrivães, tabelliães e revedores; — Lei e regulamento do Registo parochial; — Regulamento dos Lyceus;—Exames de habilitações e—Instrucções para estes exames.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em brochuras separadas.

N. B. Cada n.º do ARCHIVO JURIDICO custa a modica quantia de 120 reis, sendo enviado franco de porte para as provincias.

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel*

Typ. do Districto de Aveiro.